

Iniciação na Grécia - Parte 1

Orfeu e Platão

(Ordem de Jesus – Consolidação / Lei Moral/Código de Comportamento)

BMNI¹, Extrato Doutrinário - “A ORDEM QUE FORA TRANSMITIDA — Todos os movimentos de grande alcance, aqueles que fazem mudar a feição do mundo, têm origem nas ordens que emanam do Plano Diretor, atingindo a Humanidade encarnada por meio dos escalões hierárquicos, das ordens inferiores, que a ela se encontram ligadas. A ordem que vem do Alto, naturalmente se estende pelas esferas inferiores, penetra os recantos do mundo astral ligado à crosta e a seguir invade a própria crosta.

Reunidos os Imediatos do Senhor, foi ordenado que se conjugassem os esforços, a fim de que todas as Grandes Revelações se unissem, para se apresentarem como REVELAÇÃO INTEGRAL, tendo por base os três sentidos da Lei, da Matriz dos Livros Sagrados, que são a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO, a fim que, de ora em diante, toda a carne venha a se integrar nos domínios da Harmonia, do Amor e da Sabedoria.”

(Revelação/Mediunidades)

NTE², 245 - “Todos os Grandes Iniciados da História marcaram suas obras com o Sopro da Revelação, como diziam na antiguidade; todos tiveram a Graça da Teofania a lhes aureolar a obra missionária; nenhum deles falou em nome de suas pretensões humanas, apenas. E se não fossem as trevas clericais a ensombrar a História, ou a cultura espiritual da humanidade, toda ela saberia dizer coisas maravilhosas, sobre os grandes fenômenos mediúnicos que envolveram e embalaram os emissários do Cristo Planetário.”

(Verdade é uma só, mas foi transmitida sob abordagens diferentes, ao longo do tempo)

GI³: “É preciso restabelecer a cadeia dos grandes iniciados, que foram os verdadeiros iniciadores da humanidade. Então a força de cada um deles multiplicar-se-á pela de todos os outros e a unidade da verdade aparecerá na próxima diversidade de sua expressão. Como tudo o mais, a Grécia teve sua aurora, seu apogeu e seu declínio. E a lei dos dias, dos homens, dos povos, das terras e dos céus. Orfeu é o iniciado da aurora; Pitágoras, o do dia claro; e Platão, o do poente Heleno, poente de púrpura ardente que se torna o rosado de uma nova aurora, a aurora da humanidade.”

(Diversidade de abordagens / Simbolismo-Ocultismo)

BE⁴, 233 - O caráter de cada Missionário era compatível com os caracteres psicológicos do povo no seio do qual devia desempenhar a sua tarefa.

A Sabedoria Antiga, ou assim chamada, ou era totalmente Ocultista ou revelava-se de modo ultra-alegórico ou simbólico.

(Todos os três se iniciaram no Egito)

BE, 201 - “Porém o monoteísmo esotérico do Egito não saíra nunca para fora dos santuários, e a ciência sagrada dos egípcios constituíra sempre o privilégio duma reduzida minoria.” - G. I.

¹ Bezerra de Menezes e Narrativa Iniciática (Oswaldo Polidoro)

² O Novo Testamento do Espíritas (Oswaldo Polidoro)

³ Os Grandes Iniciados (Édouard Schuré)

⁴ A Bíblia dos Espíritas (Oswaldo Polidoro)

“Dois povos de um gênio oposto vieram aos seus santuários acender os seus fochos, fochos de raios diversos, com os quais um ilumina as profundezas dos céus, o outro esclarece e transfigura a Terra. Esses povos são Israel e a Grécia.” - G. I.

1. Orfeu (1300 a.C)

1.1. Breve contexto histórico

Orfeu nasce na região da Trácia (NE da Grécia, Bulgária e Turquia), quando o país estava dividido politicamente e religiosamente.

GI: Naqueles tempos, a Trácia era atormentada por uma luta tremenda e constante. Os cultos solares e os lunares disputavam a supremacia. A guerra entre os adoradores do Sol e da Lua, não era, como se poderia acreditar, a disputa fútil de duas superstições. (...) Os cultos uranianos e solares tinham seus templos nas colinas e nas montanhas, sacerdotes masculinos e leis severas. (...)

Por toda parte, na Trácia como na Grécia, os deuses masculinos, cosmogônicos e solares tinham sido relegados para as altas montanhas, nas regiões desertas. O povo preferia o cortejo inquietante das divindades femininas que evocavam as paixões perigosas e as forças cegas da natureza. (...)

As bacantes primitivas foram, então, as druidisas da Grécia. Muitos chefes trácios permaneceram fiéis aos velhos cultos masculinos. Porém, as bacantes tinham insinuado a alguns de seus reis que unissem os costumes bárbaros ao luxo e aos refinamentos da Ásia. Seduziram-nos pela volúpia e os dominaram pelo terror. Assim os Deuses dividiram a Trácia em dois campos inimigos. E os sacerdotes de Júpiter e de Apolo, em seus cumes desertos, perseguidos pelo raio, tornavam-se impotentes contra Hécate, que ocupava os vales ardentes e, de suas profundezas, começava a ameaçar os altares dos filhos da luz.

GI: “Naquela época, aparecera na Trácia um jovem de raça real e de uma sedução maravilhosa. Diziam que era filho de uma sacerdotisa de Apolo. Sua voz melodiosa possuía um encanto estranho. Ele falava nos Deuses com um ritmo novo e parecia inspirado.”

GI: “Subitamente, aquele jovem, que chamavam de o filho de Apolo, desapareceu. Diziam que tinha morrido e descido aos infernos. No entanto, ele tinha fugido secretamente para a Samotrácia, depois para o Egito, onde solicitara asilo aos sacerdotes de Mênfis. Tendo atravessado os Mistérios, depois de vinte anos ele voltou com um nome iniciático, que havia conquistado com suas provas e recebido de seus mestres, como sinal de sua missão. Chamava-se agora Orfeu ou Arfa (5), que significa aquele que cura pela luz.”

BE, 223: “Chamava-se agora Orfeu, que significa - Aquele que cura pela luz.” - G. I.

Sempre as mesmas bases iniciáticas, sempre os Emissários do Senhor, sempre o encaminhamento aos Sagrados Páramos da Essência Divina.

Sem dúvida que os gregos estavam preparados para receber as Epístolas de Paulo, sobre como cultivar a Revelação; e se de Roma não tivesse saído a traição contra o Batismo de Revelação, quanto não teria feito a Grécia pelo desenvolvimento da espiritualidade no seio da Humanidade?

Orfeu foi, na Grécia, o assessor do Cristo.

GI: “Orfeu arrebatou a maior parte dos trácios, transformou completamente o culto a Baco e dominou as bacantes. Sua influência logo penetrou em todos os santuários da Grécia. Foi ele quem consagrou a realeza de Zeus na Trácia, a de Apolo em Delfos, onde lançou as bases do tribunal dos Anfictiões, que se tornou a unidade social da Grécia. Enfim, mediante a criação dos Mistérios, ele moldou a alma religiosa de sua pátria. Pois, no ápice da iniciação, ele fundiu a religião de Zeus com a de Dionísio em um pensamento universal.”

GI: “Os iniciados recebiam, através de seus ensinamentos, a pura luz das verdades sublimes. Essa mesma luz chegava ao povo mais atenuada, mas não menos benéfica, sob o véu da poesia e das festas encantadoras.”

1.2. Iniciação Doutrinária

Schuré descreve a iniciação de um discípulo de Delfos (centro-sul), que é recebido por Orfeu no templo de Jupiter.

1.2.1. Primeiro grande arcano

GI: - Recolhe-te bem no fundo de ti mesmo, para te elevares ao Princípio das coisas, à grande Tríade que reluz no Éter imaculado. Consume teu corpo pelo fogo de teu pensamento; desliga-te da matéria como a chama se desliga da madeira que ela devora. Então teu espírito se projetará até o puro éter das Causas eternas, como a águia ao trono de Júpiter.

“Vou revelar-te o segredo dos mundos, a alma da natureza, a essência de Deus. Escuta primeiro o grande arcano. Um único ser reina no céu profundo e no abismo da terra, Zeus trovejante, Zeus etéreo. Ele é o conselho profundo, o ódio poderoso e o amor delicioso. Ele reina nas profundezas da terra e nas alturas do céu estrelado: sopra das coisas, fogo indômito, macho e fêmea, um Rei, um Poder, um Deus, um grande Mestre. (...)

“Os amores do Céu e da Terra não são conhecidos pelos profanos. Os mistérios do Esposo e da Esposa só são revelados aos homens divinos. Mas eu quero declarar a verdade. Ainda há pouco, o trovão abalava estes rochedos; o raio caía como um fogo vivo, uma chama rolante; e os ecos das montanhas bramiam de alegria. Tu, no entanto, tremias, sem saberes de onde vem este fogo nem onde ele bate. É o fogo masculino, semente de Zeus, o fogo criador. “

“E agora, contempla o firmamento, vê o círculo brilhante de constelações, sobre o qual se estende o leve manto da Via Láctea, poeira de sóis e de mundos. Vê flamejar o Orion, cintilar os Gêmeos e resplandecer a Lira. É o corpo da Esposa divina que volteia numa vertigem harmoniosa aos cantos do Esposo. Olha com os olhos do espírito e verás sua cabeça invertida, seus braços estendidos, e levantarás seu véu semeado de estrelas. Júpiter é o Esposo e a Esposa divina. Eis o primeiro mistério.”

BE, 224: “Os amores do Céu e da Terra não são conhecidos pelos profanos. Os mistérios do Esposo e da Esposa só aos homens divinos são revelados.” - G. I.

O **Esposo** e a **Esposa** significam Deus e a Luz Divina, como é fácil de conhecer, penetrando as Altas Esferas da Vida. Os chamados homens-divinos são aqueles cujo perispírito tenha se elevado à Luz Divina ou suas aproximações. Eles encarnam e cumprem missões elevadíssimas no seio dos povos.

Importa saber que as gradações variam ao infinito, em matéria de luzes e vibrações, variando assim as diferentes possibilidades missionárias. Nas sessões espíritas medíocres, feitas em escuridão e para a doutrinação de espíritos sofredores através de médiuns, a expressão Espírito de Luz toma a feição de generalidade.

Entretanto, encarnados ou desencarnados, cada um tem lá o seu grau ótimo, ou matiz de grau, pois a variação é muito mais extensa do que parece, sendo certo que os poderes decorrerão do grau de luz, que corresponde ao grau de intensidade vibratória.

Nos ambientes melhores, onde as faculdades superiores se evidenciam, como por exemplo a vidência, a psicometria, o desdobramento consciente, etc., todo o trabalho pode ser feito no plano astral e com as luzes acesas, o que muito recomendará. As práticas mediúnicas terão que evoluir, pois, no porvir, ninguém irá importar sofredores de outros Planetas, para agradar aos medíocres que pensam a isso se reduzir o Espiritismo.

Muitos já são os que fazem sessões a plena luz, sessões de estudos e de radiações, curas e operações no perispírito, tudo à base de vidência e psicometria; e, de fato, estas sessões fazem muito

mais e melhor, para os sofredores e necessitados do mundo espiritual, do que as acanhadas sessões comuns, cheirando a sarcófagos e defuntismos, levadas a termo em ambientes que desgostam pela escuridão.

Sob todos os pontos de vista, importa que se faça tudo a bem da iluminação, da elevação em geral. Até mesmo as sessões de efeitos físicos, quando todos os presentes são conscientes, mentalizam fortemente, e os médiuns são de fato suficientes e eficientes, com muita luz, verde ou azul, as materializações se podem dar e se dão realmente.

O mal é que bem poucos terrícolas sabem o que valem o Conhecimento, a Vontade e o Pensamento postos a funcionar conforme a Soberana Vontade de Deus.

1.2.2. Segunda iniciação

GI: “Agora, porém, filho de Delfos, prepara-te para a segunda iniciação. Estremece, chora, goza, adora! Porque teu espírito vai mergulhar na zona ardente onde o grande Demiurgo⁵ faz a mistura da alma e do mundo na taça da vida. Bebendo nessa taça inebriante, todos os seres esquecem a divina morada e descem para o doloroso abismo das gerações. Zeus é o grande Demiurgo. Dionísio é seu filho, seu Verbo manifesto. Dionísio, espírito radioso, inteligência viva, resplandecia nas moradas de seu pai, no palácio do Éter imutável.”

GI: “Agora, escuta o da sua ressurreição. Os homens são a carne e o sangue de Dionísio; os homens infelizes são membros esparsos que se buscam, contorcendo-se no crime e no ódio, na dor e no amor, através de milhares de existências. O calor ígneo da Terra, o abismo das forças inferiores os leva sempre em frente para a voragem e os dilacera cada vez mais. Mas, nós, os iniciados, nós que sabemos o que está no alto e o que está embaixo, nós somos os salvadores das almas, os Hermes dos homens. (...) Assim, por meio de celestes encarnações, reconstituímos o corpo vivo da divindade.”

GI: “Na Tessália, no vale encantado de Tempe, ergue-se um templo místico, fechado para os profanos. É lá que Dionísio se manifesta para os místicos e para os videntes. Convido-te para sua festa, que se realizará dentro de um ano. E, mergulhando-te num sono mágico, abrir-te-ei os olhos para o mundo divino.”

1.2.3. Festa de Dionísio no Vale do Tempe

Homens e mulheres ornados por adereços representavam jovem Baco, Perséfone, Hércules, etc. Esses grupos percorriam um longo trajeto a pé, durante a noite, e chegavam ao templo de Dionísio aos primeiros raios de sol.

GI: Evoé! – gritaram os arautos aos quatro cantos do templo. Evoé! – os címbalos retiniram. Evoé! – respondeu a assembléia entusiasmada, agrupada nos degraus do santuário. E o grito de Dionísio, o apelo sagrado ao renascimento, à vida, reboou no vale, repetido por mil peitos, enviado ao longe por todos os ecos das montanhas. E os pastores das gargantas selvagens do Ossa, com seus rebanhos pelas florestas, sentiram-se suspensos às nuvens e responderam: Evoé⁶.

GI: Como Moisés, Orfeu reservou as ciências que correspondem à sílaba Jod (love, Zeus, Júpiter) e a idéia da unidade de Deus para os iniciados do primeiro grau, buscando mesmo com isso interessar o povo pela poesia, pelas artes e seus símbolos vivos. Por isto o grito Evoé era abertamente proclamado nas festas de Dionísio, onde se admitiam, além dos iniciados, os simples aspirantes aos mistérios.

GI: A festa findara como um sonho: anoitecera. As danças, os cantos e as preces tinham desaparecido numa bruma rósea. Orfeu e seu discípulo desceram por uma galeria subterrânea para a cripta sagrada, que se prolongava no coração da montanha e à qual somente o hierofante tinha acesso.

⁵ Dicionário Caldas Aulete: 1. Fil. Nome pelo qual os platônicos designavam o deus criador. 2. P.ext. Qualquer divindade. 3. Fig. Criador de alguma obra extraordinária.

⁶ GI: As quatro sílabas sagradas, pronunciadas como a seguir: Iod-Hê, Vo, Hé, representavam Deus na sua fusão eterna com a Natureza. Elas abrangiam a totalidade do Ser, o Universo vivo. Iod (Osíris) significava a divindade propriamente dita, o intelecto criador, o Eterno-Masculino que está em tudo, por toda parte e acima de tudo. Hê-Vo-Hé representava o Eterno-Feminino, Eva, Ísis, a Natureza, sob todas as formas visíveis e invisíveis, fecundada por ele.

GI: Pois o nome do Eterno IAVÉ que impropriamente mencionamos como Jeová e Javé, compõe-se do prefixo Jod e do nome Eva. O grande sacerdote, de Jerusalém pronunciava uma vez por ano o nome divino enunciando-o, letra por letra, da seguinte maneira: Jod, ha, v, he. A primeira letra exprimia o pensamento divino (3) e as ciências teogônicas; as três letras do nome Eva exprimiam três ordens da natureza (4), os três mundos nos quais este pensamento se realiza e, conseqüentemente, as ciências cosmogônicas, psíquicas e físicas que a ele correspondem (5). O Inefável contém em seu seio profundo o Eterno masculino e o Eterno feminino.

GI: Então, Orfeu disse ao discípulo: (...) “Deus é uno e sempre semelhante a Ele mesmo. Ele reina em toda a parte. Mas os Deuses são inúmeros e diversos, porque a divindade é eterna e infinita. Os maiores são as almas dos astros. Sóis, Estrelas, Terras e Luas, cada astro tem o seu, e todos são resultantes do fogo celeste de Zeus e da luz primitiva.

GI: Ora, cada astro que gira arrasta, em sua esfera etérea, falanges de semideuses ou almas resplandecentes, que outrora foram homens, e que, após terem descido a escala dos reinos, gloriosamente tornaram a subir os ciclos, para saírem, finalmente, do círculo das gerações. É por meio desses divinos espíritos que Deus respira, age, aparece. Que digo eu? Eles são o sopro de sua alma viva, os raios de sua consciência eterna. Comandam os exércitos dos espíritos inferiores que atuam nos elementos. Dirigem os mundos. De longe, de perto, eles nos cercam e, embora de essência imortal, revestem-se de formas sempre variáveis, conforme os povos, os tempos e as regiões. O ímpio que os nega, teme-os. O homem piedoso adora-os sem conhecê-los. O iniciado os conhece.

Sob o comando de Orfeu, o discípulo se deita em uma rocha e tem uma visão.

GI: Massas de sombras humanas moviam-se à sua volta, como pássaros cansados, e segredavam à meia-voz:

– “Rainha dos mortos, alma da terra. Perséfone! Nós somos filhas do céu. Por que estamos exiladas no sombrio reino? Oh! ceifeira do céu, por que colheste nossas almas, que outrora voavam felizes na luz, entre suas irmãs, nos campos do Éter?”

Perséfone respondeu:

– “Eu colhi o narciso, entrei no leito nupcial. Bebi a morte com a vida. Como vós, eu também gemi nas trevas”.

Gemendo, perguntaram as almas:

- “Quando seremos libertadas?”

- “Quando vier o meu esposo celeste, o divino libertador!”

GI: Exclamou Perséfone:

– Oh! Dionísio, Espírito divino, Verbo de Júpiter, Luz celeste que resplandece sob a forma de homem! Cada vez que tu me despertas, acredito viver pela primeira vez; os mundos renascem em minha lembrança; o passado, o futuro tornam-se o imortal presente; e eu sinto em meu coração irradiar o Universo! (...)

Uma nuvem púrpura os envolveu e os lábios de Dionísio pousaram na boca de Perséfone. .

. Então, um imenso grito de amor partiu do Céu e da Terra, como se o arrepió sagrado dos Deuses, passando sobre a grande lira, quisesse dilacerar todas as cordas e debulhar os sons a todos os ventos. Ao mesmo tempo, emanou do par divino uma fulguração, um furacão de luz estonteante... E tudo desapareceu.

GI: (Orfeu ao discípulo) - Conquistaste a coroa da iniciação e viveste o meu sonho: a Grécia imortal! Mas devemos sair daqui. Para que tudo se cumpra, é preciso que eu morra e que tu vivas.

1.3. Desfecho

As bacantes sob o comando de Aglaonice arregimentaram um ataque contra os templos de Júpiter e Apolo. Orfeu determina que ele iria sozinho falar aos líderes trácios que se juntaram às bacantes. Orfeu é assassinado a mando das bacantes, mas causa forte impressão sobre os líderes da Trácia.

GI: Assim os trácios cantaram como um profeta aquele que eles haviam matado como um criminoso e que os havia convertido por meio de sua morte.

Assim o verbo órfico se infiltrou misteriosamente nas veias da Hélade, pelas vias secretas dos santuários e da iniciação. Os deuses⁷ responderam à sua voz, como no templo um coro de iniciados se afina aos sons de uma lira invisível – e a alma de Orfeu tornou-se a alma da Grécia.

2. Platão (428-348 a.C.)

BE, 299:

“O que Orfeu promulgou por meio de obscuras alegorias, diz Proclo, ensina-o Pitágoras depois de ter sido iniciado nos mistérios órficos, e de tudo obteve Platão um conhecimento pleno, pelos escritos órficos e pitagóricos.” - G. I.

Sempre houve, como já assinalamos por vezes, uma infusão perfeita entre as Escolas Esotéricas da antigüidade. Além de Sócrates e Platão, podemos encontrar em Plotino, Jâmblico, Proclo e muitos outros maiores e menores pensadores daqueles dias, a grandeza espiritual da iniciação esotérica.

Quem é que estuda, comparativamente, os escritos dos Apóstolos, mormente dos mais versados em espiritualidade, que não venha a encontrar profundos traços de Pitágoras e de Platão em seus escritos? João Evangelista, por exemplo, empregou sentenças completas do pitagorismo puro, além de ter aplicado, inclusive, bastantes derivâncias, com acentuadas marcas de platonismo. E no quarto século, ao fabricar Roma a corrupção doutrinária, liquidando a Revelação, o Batismo de Espírito, procurou engendrar o seu clericalismo idólatra e mercenário, usando muito platonismo, pelo fato de ser Platão muito obscuro em matéria de iniciação pura, sendo muito mais escolástico e idealista político do que iniciado órfico.

Entretanto, ainda que obscuramente, Platão é um iniciado, e em todos os seus escritos se encontram, mais ou menos veladamente, ensinamentos iniciáticos.

GI: Pitágoras, enfim, formula cientificamente a doutrina esotérica, dá-lhe a expressão talvez mais completa e a mais sólida que já teve; Platão e os alexandrinos foram apenas seus vulgarizadores.

(Na minha opinião, Platão é particularmente importante, por que ele ultrapassa os meios esotéricos e espiritualistas, pois o seu mestre foi Sócrates, considerado um dos fundadores da filosofia ocidental. Assim como Sócrates, Platão levava esse conhecimento ao grande público. Claro, ele não podia revelar toda a Doutrina, então ele transmitia esse conhecimento por meio da categoria do Ideal, do Idealismo.)

GI: Platão definiu e criou, fora dos sistemas estreitos e das religiões particulares, a categoria do Ideal, que devia substituir por séculos, e substitui até nossos dias, a iniciação orgânica e completa.

2.1 Breve Histórico

Platão cresceu em meio a guerra entre Esparta e a sua cidade natal, Atenas, que acabou perdendo e ficou sob o domínio dos tiranos espartanos. Isso acabou corrompendo muitas instituições atenienses. Platão era um rapaz de família rica e tinha muitos talentos. Um deles era a dramaturgia,

Platão escrevia peças de teatro e achava que o seu propósito era ser um grande escritor. Porém, isso mudou quando ele conheceu Sócrates, que falava em praça pública sobre Justiça, Verdade e como praticá-las.

GI: “Ele compreendeu, vendo-o, a superioridade do Bem sobre o Belo. Pois o Belo só realiza o Verdadeiro na miragem da Arte, enquanto que o Bem a realiza no fundo das almas.” (...) “A visão de um verdadeiro justo fez se apagarem na alma de Platão os esplendores resplandecentes da arte visível, para ser substituída por um sonho mais divino”

Platão, então, renuncia à sua vida de riqueza e arte e passa a seguir Sócrates. Três anos depois, Sócrates é condenado à morte por um tribunal corrupto, o Aerópago, sob acusações falsas. A verdade é que Sócrates desmascarava abertamente a hipocrisia e a injustiça do Estado que havia se instalado e isso incomodava os poderosos de Atenas.

Apologia de Sócrates: “Mas já é hora de nos retirarmos, eu, para morrer, e vós para viverdes. Entre vós e mim, quem está melhor? Isso é o que ninguém sabe, exceto Zeus”

Depois da morte de Sócrates, Platão parte para o Egito, onde trilha parte da iniciação deixada por Hermes e depois vai para Itália, onde ele completa a sua iniciação entre os pitagóricos. Tanto os egípcios quanto os pitagóricos exigem que se mantenha a doutrina em segredo.

Por isso, quando Platão funda a sua escola – chamada de Academia – aos 50 anos de idade, ele substitui a iniciação completa pelo Idealismo, que podia ser resumido em três conceitos, o Verdadeiro, o Bom e o Belo, as três vias que conduzem a Deus. Assim, Platão cumpre seu papel de divulgador popular das verdades divinas e atinge um número incontável de pessoas, desde a época da Academia Ateniense, até os dias de hoje.

Além disso, alguns poucos discípulos de Platão podiam complementar seus conhecimentos na iniciação da Baía de Elêusis, onde havia uma colônia vinda do Egito, que ensinava as verdades divinas por meio de uma mitologia simbólica, os chamados Mistérios de Elêusis. Lá, eles contavam a estória de Perséfone, que representa a centelha divina que todos nós somos. Contavam, por exemplo, o drama da emanção, em que Perséfone queria conhecer o Bem e o Mal e é seduzida por Eros para colher a flor que lhe daria esse conhecimento. Assim, Perséfone colhe a flor, perde o céu e é obrigada a descer e viver na Terra. Claro, não é a toa que isso parece muito com o Gênese, se a gente trocar a Perséfone por Eva, a flor pela maçã e a cobra por Eros. Tanto o livro de Gênese quanto os mistérios de Elêusis tinham origem na iniciação egípcia, pois Moisés se iniciou no Egito.

A iniciação nos Mistério de Elêusis se davam por meio de encenações teatrais.

Pequenos mistérios

GI: PERSÉFONE – Meu conhecimento para aqui e minha memória falha. Não me ajudarás a bordar a continuação?

EROS (lançando-lhe um olhar inflamado) – Sim, Perséfone, mas com uma condição: primeiro vens comigo colher uma flor na campina; a mais bela de todas!

PERSÉFONE (séria) – Minha augusta e sábia mãe mo proibiu. “Não escutes a voz de Eros, disse-me ela. Não colhas flores na campina. Se não, serás a mais miserável dos Imortais!” EROS – Compreendo. Tua mãe não quer que conheças os segredos da terra e dos infernos. Se respirasses as flores do prado, eles te seriam revelados.

(...)

PERSÉFONE – Como chamas esta flor?

EROS – Os homens chamam-na de Narciso. Eu a chamo Desejo. Vê como ela te olha, como ela se volta para ti. Suas pétalas brancas estremecem como seres vivos, de seu coração de ouro evola um perfume que enche de volúpia toda a atmosfera. Quando aproximares esta flor mágica de tua face, verás, num quadro imenso e maravilhoso, os monstros do abismo, a terra profunda e o coração dos homens. Nada te será ocultado.

Grandes mistérios (quinquenais)

GI: Ao lado do rei dos Infernos, que jamais sorri, sua esposa: a alta e esbelta Perséfone. Os místicos a reconhecem como a hierofântida que já havia representado a deusa nos pequenos mistérios. Ela continua bela, mais bela talvez em sua melancolia. Ah! nesse sorriso vê-se a ciência do Bem e do Mal, o encanto inexprimível da dor vivida e muda. O sofrimento ensina a piedade. Ela acolhe com um olhar de compaixão os místicos que se ajoelham e depõem a seus pés coroas de narciso.

Os iniciados aprendiam que a divina Perséfone, que eles tinham visto no meio dos terrores e dos suplícios dos infernos, era a imagem da alma humana acorrentada à matéria nesta existência, ou entregue a quimeras e tormentos maiores ainda, se viveu escrava de suas paixões. Sua vida terrestre é uma expiação ou uma provação de existências anteriores. Mas a alma pode purificar-se pela disciplina, pode lembrar-se e pressentir, pelo esforço combinado da intuição, da razão e da vontade, e participar por antecipação das vastas verdades, das quais deve tomar posse plena e total no imenso além. Somente então, Perséfone tornar-se-á pura, luminosa, a Virgem inefável, distribuidora do amor e da alegria. Quanto à sua mãe, Ceres, ela era, nos mistérios, o símbolo da Inteligência divina e do princípio intelectual do homem, que a alma deve alcançar para atingir sua perfeição.

2.2 Idealismo

GI: “Estabelecendo a categoria do Ideal, o iniciado Platão criou, portanto, um refúgio, abriu o caminho da salvação a milhões de almas que não podem, nesta existência, alcançar a iniciação direta, mas aspiram dolorosamente à verdade. Assim, Platão fez da filosofia o vestíbulo de um santuário futuro, a ele convidando todos os homens de boa vontade. O idealismo de seus numerosos filhos, pagãos ou cristãos, aparece-nos como a sala de espera da grande iniciação.”

GI: Aqui se revela o gênio vulgarizador e criador de Platão. Lançou torrentes de luz sobre o mundo, colocando na mesma linha as ideias da Verdade, da Beleza e do Bem.

Elucidando-as uma através da outra, ele demonstrou que elas são três raios que partem do mesmo foco que, juntando-se, reconstituem esse mesmo foco, isto é, Deus.

Buscando o Bem, ou seja, o Justo, a alma se purifica. Prepara-se para conhecer a Verdade. Esta é a primeira indispensável condição de seu progresso. Buscando, alargando a ideia do Belo, ela atinge o Belo intelectual, aquela luz inteligível, mãe das coisas, animadora das formas, substância e órgão de Deus. Mergulhando na alma do mundo, a alma humana sente crescerem-lhe as asas. Buscando a ideia do Verdadeiro, ela atinge a pura Essência, os princípios contidos no Espírito puro. Ela reconhece sua imortalidade pela identidade de seu princípio com o princípio divino. Perfeição; epifania da alma.

A República: (Sócrates a Glauco) Portanto, se acreditas em mim, crendo que a alma é imortal e capaz de suportar todos os males, assim como todos os bens, nos manteremos sempre na estrada ascendente e, de qualquer maneira, praticaremos a justiça e a sabedoria. Assim estaremos de acordo conosco e com os deuses, enquanto estivermos neste mundo e quando tivermos conseguido os prêmios da justiça, como os vencedores que se dirigem à assembleia para receberem os seus presentes. E seremos felizes neste mundo e ao longo da viagem de mil anos que acabamos de relatar.